

Sexualidade: Discurso do Corpo? Um Estudo de Caso **4**

Maria Alves de Toledo Bruns¹
Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi²

RESUMO

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. Sexualidade: discurso do corpo? Um estudo de caso. *R. B. S. H. 2(1): 1991.*

A essência deste trabalho é a compreensão da importância de integrar corpo e espírito em todas nossas atividades.

Numa visão fenomenológica, o corpo faz parte da totalidade do ser humano. A sexualidade é o seu mais significativo discurso.

Nesta perspectiva, esta pesquisa foi realizada buscando compreender, através de valores e experiências, como alguns jovens estão vivenciando sua sexualidade.

Os resultados evidenciaram que a instrução sexual é mais difundida e aberta aos rapazes e mais concentrada na família reservada para as garotas. Os rapazes vêm com mais preconceito do que as garotas o corpo de alguém do mesmo sexo. Há uma visão masculina mais integrada e uma visão feminina mais dissociada com relação à atração pelos sexo oposto. Percebe-se reformulação dos antigos valores mais conservadores quando os jovens se referem à masturbação e à virgindade. Contudo, parece que lidar de maneira prazerosa com o próprio corpo é uma meta para a mulher.

1. Pedagoga, professora assistente.

2. Aluna de graduação.

Recebido em 08.03.91

Aprovado em 21.03.91

SUMMARY

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. Sexuality: body discourse? A case study. *R. B. S. H. 2(1):1991.*

The essence of this work is directed at understanding the importance of integrating the body and spirit in all activities. In a phenomenological vision the body is part of the totality of the human being. Sexuality is its most significant discourse, from this perspective this research was carried out in an effort to understand by means of values and experience how some teenagers are experiencing their sexuality.

The results show that sexual instruction is more specific and open for boys and is concentrated in the family and more reserved for girls. The boys see with more preconception than the girls the body of someone of the same sex. There exists a masculine vision more integratd and a feminine one more dissociated in relation to attraction to the opposite sex. Reformulations of conservative old values cane perceived when the teenagers refer to masturbation and virginity. However it appears that an objective of the teenage woman is to live in a pleasurable way with her own body.

INTRODUÇÃO

A sexualidade, enquanto dimensão da existência humana, sempre esteve presente nas relações entre os seres. Porém, não se pode dizer que o homem tenha sempre tido consciência de sua sexualidade. Muito tem se falado, escrito sobre o corpo, evidenciando que o homem sempre teve dificuldade de tocar e de ver sem preconceitos o próprio corpo.

A dicotomia corpo x espírito é registrada na literatura de Platão (século V a.C.), Santo Agostinho (século IV), Descartes (século XVII), a Comte (Século XVIII)³.

A conseqüência desta dicotomia é a permanência do dualismo psico-físico, da separação corpo x espírito e a própria compreensão do homem: visão de mundo que influenciou e determinou metodologicamente o caminho das ciências humanas e das exatas até nossos dias.

A fenomenologia (século XX com Husserl, M. Ponty a outros) propõe a superação desta dicotomia, através da análise da consciên-

3. ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando - Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1986, pp. 167-171.

cia, afirmando que a consciência é intencional; não há consciência pura, separada do mundo; toda consciência tende para o mundo.

Neste momento, a visão reducionista da realidade enfatizada pelo modelo positivista de ciência passa a ser questionada.

Nessa perspectiva, o corpo é parte integrante da totalidade do ser humano. Segundo o fenomenólogo M. Ponty (1908-1961)⁴: “eu sou o meu corpo, que a cada momento exprime sua existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque ele se realiza nela”. Este sentido encarnado é o fenômeno central no qual corpo e espírito são uma unidade.

Se o corpo simboliza a minha existência é porque ele a realiza e é sua atualidade. Nesse sentido, o corpo fala... e a sexualidade é um dos seus múltiplos discursos pelo qual expresse o meu mundo, isto é, que percebo e sou percebido, que estabeleço relações e atribuo significados aos outros seres e às coisas.

E, na relação com o outro, que me percebo sendo, é neste sentido que a sexualidade adquire importância para a compreensão da história de vida do homem, que é a sua maneira de ser em relação ao seu tempo e aos outros homens.

Com o objetivo de levantar informações sobre a concepção de sexualidade e como ela está sendo vivenciada hoje é que esta pesquisa se desenvolveu, tendo duas questões norteadoras: a noção holística permeia o vivenciar da sexualidade do jovem hoje? Ou é o dualismo psico-físico que se faz presente?

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada com 162 alunos de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, em uma escola de classe média da cidade de Campinas (SP), em 1986.

Os sujeitos foram entrevistados através de um questionário composto de perguntas abertas e fechadas. As questões fechadas objetivaram concretizar algumas informações a respeito das primeiras noções sobre sexo, sensação com relação à masturbação, nível de diálogo sobre sexo com os pais.

4. PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971, p. 177.

As questões em aberto visaram compreender as próprias concepções de cada jovem em relação às percepções de virgindade, heterossexualidade, homossexualidade.

A análise dos resultados se deu através das variáveis sexo e idade. Os dados das perguntas fechadas foram tabulados segundo percentagem de respostas e as abertas foram categorizadas de acordo com os conteúdos mais significativos que apresentaram e submetidos à análise qualitativa.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Tabela 1: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre a atração ocorrida entre rapazes e moças pelo mesmo sexo, com alguns dos respectivos depoimentos.

Visualizamos, na Tabela 1, que 26,25% dos rapazes expressam atração por algum aspecto psicológico como jeito, ideais, inteligência; 6,25% por algum aspecto físico (rosto, pernas, braços) e 1,25% pelos aspectos físico e psicológico juntos (beleza física e personalidade); grande parte dos rapazes não expressam atração pelo mesmo sexo com depoimentos como “não gosto de homens”, “não sou bicha”, -sou macho-, “absolutamente nada”; 38,75% das respostas dos rapazes foram em branco.

Tabela 1

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Aspectos psicológicos	26,25	34,78
Aspecto físico	6,25	23,91
Físico e psicológico	1,25	14,13
Nenhuma atração	27,50	13,04
Não respondeu	38,75	4,34
Total	100,00	100,00

O contrário se deu com as moças: 34,78% expressa atração por algum aspecto psicológico no mesmo sexo, como simpatia, caráter, autenticidade; 23,91% refere-se a algum aspecto físico como rosto, pernas, olhos; 14,13% dos depoimentos das moças reúnem os aspectos físicos e psicológicos como aparência física e aspectos da personalidade; 13,04% não expressa nenhuma atração e 4,34% não respondeu.

Tabela 2: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre a atração pelo sexo oposto com os respectivos depoimentos.

Nota-se, na Tabela 2, que 61,25% dos rapazes se sentem atraídos pelos aspectos físicos e psicológicos reunidos nas garotas (beleza física e personalidade); 35% declarou que se sente atraído por algum aspecto físico (pernas, seios, rosto), e 2,50% por aspectos psicológicos (naturalidade, inteligência, simpatia); 1,25% dos rapazes não se sentem atraídos por garotas como também 1,25% não respondeu.

Em relação às garotas, 41,30% declarou se sentir atraída pelos aspectos físico e psicológico reunidos nos rapazes (beleza física e personalidade); 32,92% refere-se ao aspecto físico (aparência) e em número bem maior que os rapazes (18,47%) a algum aspecto psicológico (amizade, comportamento, idéias, maneira de falar).

Os depoimentos dos rapazes evidenciam uma visão mais integrada, não dicotomizando tanto quanto as garotas, a atração pelo sexo oposto. Os depoimentos dos rapazes se referiram em maior número (61,25%) à necessidade dos dois aspectos, psicológico e físico, presentes no outro sexo para se sentirem atraídos.

As garotas expressam atração pelo aspecto psicológico em número maior que os rapazes.

Tabela 2

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Físico e psicológico	61,25	41,30
Aspecto físico	35,00	32,92
Aspecto psicológico	2,50	18,47
Nenhuma atração	1,25	0
Não respondeu	1,25	0
Total	100,00	100,00

Tabela 3: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre a primeira instrução em relação a sexo.

A Tabela 3 evidencia que 52,44% das garotas entrevistadas receberam dos pais as primeiras instruções sobre sexo; 25,61% dos amigos e/ou parentes; 4,88% não se lembrou; 3,66% na escola; 4,88% através de livros e/ou revistas e 8,53% não quis responder.

Já com os rapazes, a maioria (35%) recebeu as primeiras instruções com amigos e/ou parentes; 33,75% com pais; 22,50% não se

lembrou, nenhum recebeu na escola e 8,75% através de livros e/ou revistas.

As primeiras informações a respeito de sexo se revelam mais difundidas para os rapazes e mais concentradas na família para as moças.

Tabela 3

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Com pais	33,75	52,44
Amigos ou parentes	35,00	25,61
Não me lembro	22,50	4,88
Escola	0	3,66
Livros, revistas, etc.	8,75	4,88
Sem respostas	0	8,53
Total	100,00	100,00

Tabela 4: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre o tipo de diálogo que há em relação a sexo com seus pais.

A Tabela 4 revela que 48,75% dos rapazes têm diálogo totalmente aberto com os pais sobre sexo, sendo 32,50% com reservas; 8,75% não tem diálogo; 7,50% deu respostas diversas e 2,50% não quis responder.

O mesmo se deu com as garotas, onde 46,34% tem diálogo sobre sexo totalmene aberto com os pais. Em um numero um pouco maior do que os rapazes, as garotas mantêm diálogo com reservas sobre sexo com seus pais (40,24%), enquanto 10,97% não mantêm diálogo; 1,22% deu respostas diversas e 1,22% não quis responder.

Tabela 4

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Totalmente aberto	48,75	46,34
Com reservas	32,50	40,24
Sem diálogo	8,75	10,97
Respostas diversas	7,50	1,22
Sem respostas	2,50	1,22
Total	100,00	100,00

Tabela 5: Categorias referentes à percepção dos sujeitos em relação à masturbação.

A Tabela revela que *91,25%* dos rapazes se referem à masturbação com naturalidade, satisfação, prazer; *2,50%* com culpa como também medo; nenhum rapaz associou à sensação de sujeira ou nojo e *2,50%* não respondeu.

Quanto às moças, *68,29%* associou masturbação à naturalidade, satisfação, prazer; *4,88%* refere-se à culpa como também ao medo, *6,10%* relaciona masturbação a sujeira ou nojo, diferenciando-se dos rapazes. Houve ainda *9,75%* de respostas diversas e *6,10%* das moças não responderam.

Tabela 5

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Naturalidade, satisfação/prazer	91,25	68,29
Culpa	2,50	4,88
Medo	2,50	4,88
Sujeira/nojo	0	6,10
Respostas diversas	1,25	9,75
Sem respostas	2,50	6,10
Total	100,00	100,00

Tabela 6: Categorias referentes à percepção dos sujeitos em relação à crescente intimidade entre namorados, com respectivos depoimentos.

Pela Tabela 6, *90%* dos rapazes concordam com a crescente intimidade do namoro a *10%* não concorda.

Já as garotas, em número menor (*73,17%*), concordam e em número maior (*26,83%*) não concordam com essa crescente intimidade.

Através dos depoimentos, percebe-se que há uma diferenciação, através das idades, na percepção de como esta intimidade deve ocorrer para os jovens.

De *13* a *15* anos foi geral a opinião de uma intimidade “com maior conhecimento”, “amor”, “carinho”, “responsabilidade” e certas “limitações”. Entre *16* e *18* anos, os sujeitos afirmaram que a intimidade “deve acontecer naturalmente” e “de acordo com cada um”.

Tabela 6

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Sim	90,00	73,17
Não	10,00	26,83
Total	100,00	100,00

Tabela 7: Categorias referentes à percepção dos sujeitos em relação ao conceito de virgindade com respectivos depoimentos.

Visualiza-se, na Tabela 7, que 70% dos rapazes conceituaram a virgindade como ausência de relação sexual; 30% atribuiu-lhe outros conceitos. Já as moças, 52,44% conceituou virgindade como ausência de relação e 47,56% deu outros conceitos.

Destacamos os seguintes depoimentos das garotas: “é um tabu”; “é algo importante, mas não essencial”; “virgindade: carece dos pais”. Dos rapazes: “é uma coisa estúpida”; “é conservar a pureza”; “deve ser respeitada”.

Tabela 7

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Ausência de relação sexual	70,00	52,44
Respostas diversas	30,00	47,56
Total	100,00	100,00

Percebemos, através dos depoimentos, que ao conceituarem virgindade os jovens atribuíram valores a este conceito em seus depoimentos. Percebemos que esse valor atribuído se modifica com a idade.

De 13 a 15 anos destacamos os seguintes depoimentos: “é uma coisa sagrada”; “algo muito importante para a mulher”; “sem opinião”. De 16 a 18 anos, os seguintes: “instrumento de dominação machista”; “mera instituição”; “absolutamente nada, no contexto para uma mulher”; “não existe”; “não tem importância”.

Tabela 8: Categorias referentes às experiências sexuais vivenciadas pelos sujeitos.

Pela Tabela 8, 38,75% dos rapazes tiveram beijos e carícias como contato sexual; 22,50% manteve relação sexual; 18,75% não

teve nenhum contato; 7,50% refere-se a beijos; 7,50% não especificou que tipo de contato, apenas respondendo afirmativamente; 2,50% referiu-se a carícias e 2,50% não quis responder.

Para as garotas, a maioria (32,92%) referiu-se a beijos e carícias. Um número bem menor que os rapazes (8,53%) manteve relação sexual; 23,17% não teve contatos sexuais; 21,95% referiu-se a beijos; 3,66% não deu especificações; 21,44% referiu-se a carícias e 7,32 não quis responder.

Tabela 8

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Beijo/carícia	38,75	39,92
Relação sexual	22,50	8,53
Nenhum contato	18,75	23,17
Beijo	7,50	21,95
Sem especificação	7,50	3,66
Carícia	2,50	21,44
Sem respostas	2,50	7,32
Total	100,00	100,00

CONCLUSÕES

A recusa dos rapazes, nessa população estudada, de se sentirem atraídos pelo mesmo sexo (Tabela 1) remete-nos ao significado cultural da palavra "atração" para os homens. Desde cedo, através da educação e dos meios de comunicação, os homens vêem atração e desejo sexual quase como sinônimos. As revistas e as conversas masculinas são permeadas por este significado. Alberoni⁵ fala das diferenças das literaturas masculina e feminina e dos conceitos que são veiculados através delas.

Parece-nos que a questão sobre a atração pelo mesmo sexo para os homens teve conotação mais aversiva que para as garotas. Atração, nesse momento, pareceu revelar preconceitos dos rapazes com relação ao homossexualismo.

5. ALBERONI, F. *O Erotismo*. Tradução de Elia Edil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

Já as moças parecem lidar de maneira menos preconceituosa com essa palavra. Talvez possamos falar em um modo “assexuado” de interpretar atração. Torna-se, portanto, mais fácil para as moças verem e apreciarem o corpo da outra, além de outros aspectos psicológicos como autenticidade, sinceridade, companheirismo, etc.

Consideramos importante ressaltar o caráter estético e objetivo concedido em muitas culturas, inclusive a nossa, ao corpo da mulher. Como meio de idealizar felicidade e vender produtos dos mais variados, o corpo da mulher é um objeto a ser admirado e valorizado esteticamente, constituindo-se, assim, em mediador do consumismo. A materialidade do poder se exerce sobre o próprio corpo⁶ da mulher, tornando-o objeto estético de admiração social.

Podemos dizer que o corpo da mulher, neste momento, é algo para ser admirado e desejado, ou invejado, por homens e mulheres. Na visão de Foucault⁷, o corpo enquanto instrumento produtivo é suplemento de vida indispensável ao funcionamento da máquina.

Pela convivência com este clima competitivo, onde as mais belas são as mais desejadas, a mulher pode ter aprendido o caráter estético de ver a outra. Por saberem ver, apreciar e muitas vezes julgar o belo na outra, as mulheres podem ver “atração” sem a conotação sexual que tem para os homens, ao se referirem ao mesmo sexo.

Ao se referirem à atração pelo sexo oposto (Tabela 2), as garotas têm uma visão mais dissociada do outro. A conotação “assexuada” aparece nas associações de atração com aspectos não físicos, mas psicológicos, em 18,47% das respostas (maturidade, sinceridade, caráter, etc.).

Em um número bem mais elevado que os rapazes (2,5%), essas garotas revelaram que se sentem atraídas pelo sexo oposto por características de personalidade, as quais só são percebidas após algum nível de conhecimento do outro. Para essas garotas, parece-nos que o valor atribuído à atração foge ao aspecto físico, sendo mais reservado; só se sentem atraídas após conhecerem o outro. Segundo Alberoni⁸, o erotismo feminino se manifesta como necessidade de continuidade. “Há uma preferência profunda do fem-

6. FOUCAULT, M. Poder-Corpo. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

7. Idem.

8. ALBERONI, F. Op. cit.

9. Idem, p. 24.

inismo para o contínuo”⁹, o que indica a necessidade de atenção amorosa continuada, de interesse contínuo em relação à sua pessoa para desejarem e se atraírem realmente.

A integração dos aspectos físico e psicológico pode ser vista em maior número nesta tabela para os rapazes (61,25%) do que para as moças (41,30%). Apesar da valorização do corpo da mulher, visto como objeto de atração e prazer pelo sistema consumista, parece nos que os rapazes buscam uma mulher mais integrada, possuindo um corpo belo e características que lhe dão especificidade a unicidade (carinhosa, sensual, autêntica, etc.).

Diferenças na percepção da sexualidade entre rapazes e moças, hoje, remetem-nos a aspectos mais primários, ligados à própria educação diferenciada para meninos e meninas. Interessante constatar-mos isto através das Tabelas 3 e 4.

Na Tabela 3, as garotas se referem à primeira instrução sobre sexo com os pais (52,44%). Para os rapazes, percebe-se, através de seus depoimentos, que os meios de informação se diluem e se ampliam (35% refere-se a amigos e/ou parentes). Muitos não se lembram e isto nos leva a refletir e questionar sua razão. Será que não se lembram por ser algo tão “diluído” e comum em seu meio que se torna difícil especificar um agente informativo? Não se lembram por que são coisas ensinadas e transmitidas desde muito cedo? Parecidos que ambas as questões podem ser positivas, o que nos lembra o quão o homem desde cedo é mais exposto a este tipo de informação. Isto se confirmaria na Tabela 4, onde se vê que a maior parte tem diálogo aberto sobre sexo com seus pais.

Com as garotas ficou constatado que o mesmo não ocorre: recebem as primeiras informações sobre sexo com os pais, sendo mais concentradas na família. Contudo, através da Tabela 4, podemos perceber que o diálogo sobre sexo com os pais é mais reservado para as moças (40,24%) do que para os rapazes (32,50%), mesmo que a diferença seja pequena.

Parece-nos que, embora as instruções sobre sexo sejam recebidas pelas garotas através dos pais, esse assunto não é tão discutido e conversado como com os rapazes. A educação sexual ainda parece, aqui, mais conservadora para as moças e mais “flexível” para os rapazes, que são mais expostos a informações desse tipo.

Embora essas diferenças tenham sido minimizadas através desses anos todos, elas ainda persistem e determinam, muitas vezes, a própria visão diferenciada de sexualidade. “Certamente, as diferenças entre homens e mulheres são o sedimento de milênios de história e

de opressão” e podemos dizer que “faz apenas alguns decênios que isto está mudando”¹⁰.

Homem e mulher, portanto, “não são categorias imutáveis e abstratas, mas antes tipificações culturais socialmente construídas”¹¹. Sob esta perspectiva, torna-se necessário buscar compreender como os jovens estão processando a interiorização de papéis sexuais; o que está permanecendo cristalizado, resistente a mudanças; o que está sendo redefinido.

Através da Tabela 5, podemos constatar que tanto os rapazes quanto as moças se referem à masturbação com naturalidade. Parece que tocar o próprio corpo para o prazer, antes tido como um ato proibido e causador de danos físicos e psicológicos, foi um aspecto redefinido pelos jovens. Contudo, percebemos, através dos diferentes depoimentos, que a realidade feminina - distanciada do próprio prazer em décadas atrás - permanece, mesmo que em algum nível, cristalizada e resistente à mudança. Muito mais rapazes se referem à masturbação com “naturalidade, satisfação e prazer” (91,25%) do que as moças (68,29%) e enquanto nenhum rapaz cita masturbação como “sujeira” e “nojo”, 6,10% das moças o faz. Parece haver, em um nível reduzido, ainda uma certa “aversão” das moças à masturbação.

Quando pensamos em repressão, devemos focalizá-la em um nível mais amplo, sujeitando homens e mulheres a domesticarem seus instintos e impulsos. Quando falamos em sexualidade, focalizamos uma repressão mais “amena” para os homens do que para mulheres, mas ambos estão sujeitos às normas de socialização, dentro dos papéis que lhes competem.

Na reprodução dos papéis sexuais dentro da família, as qualidades enfatizadas na moça a orientam para atividades que estimulam, entre outras “aceitações”, a obediência. Daí, pode-se pensar em uma repressão feminina mais interiorizada do que a masculina e, talvez, por isso mesmo certos valores sejam ainda mais cristalizados para as mulheres, como, por exemplo, o modo de perceberem a masturbação.

Sob esse mesmo enfoque, na Tabela 6, os rapazes tendem a concordar mais com a intimidade em suas relações (90%) do que as

10. Idem, p. 11.

11. SALEM, T. *O Velho e o Novo. Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares* Petrópolis, Vozes, 1980, p. 37.

moças (73,17%). Podemos relacionar esses dados com os da Tabela 8, onde os jovens dão depoimentos de suas experiências sexuais.

Devemos também considerar o quão as meninas são advertidas, explícita e/ou implicitamente, a respeito de uma gravidez indesejada muito cedo. A gravidez - enquanto conseqüência natural da relação sexual, para a mulher - é um "fantasma" para os pais de jovens adolescentes. Esse "fantasma", muitas vezes, é transferido para as filhas, as quais, algumas vezes, introjetam até uma aversão por contatos íntimos com o sexo oposto.

Para não correrem o risco da gravidez, muitas garotas esperam até uma idade maior para se adequarem à pílula; outras esperam a segurança de um relacionamento estável que lhes assegure acolhimento, caso engravidem. Enfim, pela responsabilidade e fantasias que lhe são conferidas, a mulher geralmente é levada a iniciar-se sexualmente mais tarde que o homem.

Contudo, podemos afirmar que os homens e as mulheres reformularam-se muito nestas últimas décadas. Por estarem mais sujeitas às regras e em desvantagem quanto à "liberdade" sexual concedida aos homens, as mulheres buscaram mais rigorosamente a igualdade e a redefinição de seu papel na relação com o outro.

Parece que essas reformulações de conceitos e valores femininos se fizeram presentes nos depoimentos das moças a respeito da virgindade, na Tabela 7. As moças (47,56%) definiram mais diversificadamente virgindade do que os rapazes (30%). Há muitos aspectos para serem levantados nesta questão. No entanto, as respostas focalizam conceitos religiosos ("pureza", "ausência de pecado", etc.), rebeldes ("ceticismo dos meus pais", "ilusão") e questionadores ("coisa criada para dominar a mulher?"), mostrando que o tradicional "ausência de relação sexual" é aqui reconfigurado.

Independentemente da relação entre sexos, aqui vale focalizar que quanto mais velhos os adolescentes mais tendem a reformular conceitos aprendidos em busca de valores próprios. A busca de identidade, característica dessa fase, leva a uma redefinição, para ambos os sexos, de valores e conceitos aprendidos.

Atualmente, homens e mulheres buscam o que os iguala, superando as diferenças. Possuem, entretanto, sensibilidades, desejos e fantasias que, condicionados ou não pelo meio, são diferentes e geram inquietações e insatisfações.

Não é a sexualidade a causa desta inquietação, mas é nela "onde se manifesta essa inquietação transcendente". Irrupção na sexualidade, ela é transformada através das relações "porque deixa entrever o maravilhoso, o extraordinário, o emocionante, o sublime ou então também, o diferente, o desconhecido, o desafio"¹².

É nesse sentido que, desvendando a sexualidade, conhecemos os múltiplos discursos do corpo, que revelam a intimidade e a totalidade do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. *P. Filosofando - Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1986, pp. 167-171.
2. PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971, p. 177.
3. ALBERONI, F. *O Erotismo*. Tradução de Elia Edil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
4. FOUCAULT, M. Poder-Corpo. *In: Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979. ‘
5. SALEM, T. *O Velho e o Novo. Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*. Petrópolis, Vozes, 1980.
6. CHATELET, F. *História da Filosofia*. Tradução de Hilton F. Japiassi. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
7. GIOGI, A. *A Psicologia como Ciência Humana. Uma Abordagem de Base Fenomenológica*. Tradução de Riva Schwartzman. Belo Horizonte, Interlivros, 1978.

12. ALBERONI, F. Op. cit., p. 127.

* Agradecimento à Profª Dra. Maria Helena Pires Martins, da Escola de Comunicações e Artes da USP, pela releitura e sugestões a este artigo.